

O USO DE TÉCNICAS ESTENDIDAS NO ENSINO DE FLAUTA DOCE PARA CRIANÇAS NA PERSPECTIVA DE PROFESSORES DO INSTRUMENTO

Vanice Lima Faria Nascimento
UNESPAR/Campus Curitiba 1-EMBAP
E-mail: vanice.l.faria@gmail.com

Resumo: Este artigo constitui-se um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso em andamento, que tem como objetivo geral investigar como o uso das técnicas estendidas pode ampliar o ensino da flauta doce e motivar a aprendizagem e o estudo do instrumento nas crianças. Baseado nas pesquisas anteriores de flautistas como: Ilma Lira (1984), Daniele Cruz Barros (2010), Claudia Freixedas, (2015), Luciane Cuervo (2009), David Castelo (2012), Janaina Nóbrega (2012) e Claudio Benassi (2019). Na pesquisa com abordagem qualitativa do tipo pesquisa-ação, considerou-se importante investigar como professores experientes utilizam as técnicas estendidas no ensino da flauta doce. Os questionários, trazendo uma amostra significativa, possibilitaram um maior aprofundamento do tema, contribuindo para um ensino relevante que resulte na ampliação dos conceitos sonoros e musicais dos alunos.

Palavras-chave: Flauta doce, técnicas estendidas, ensino de crianças.

Introdução

Com a popularização da flauta doce e sua ampla utilização na iniciação musical, o instrumento tem em alguns ambientes seu valor menosprezado. Segundo Paoliello (2007, p.33) “essa classificação como pré-instrumento acaba por desvalorizar o trabalho de pesquisa da flauta doce enquanto instrumento histórico”. Muitas vezes taxada de desafinada ou como um instrumento de brinquedo, ou somente como um acesso aos outros instrumentos. Para Weichselbaum (2013, p. 50), “tais associações podem contribuir para a desvalorização da aprendizagem por parte dos alunos e estudantes”.

Tornar esta aprendizagem mais prazerosa é um desafio para o professor. Este deverá buscar ferramentas capazes de cativar seu aluno, aprimorando sua técnica e conhecimentos musicais. Uma das possibilidades é utilizar as técnicas estendidas, que são as novas maneiras de tocar um instrumento tradicional. A definição de técnica estendida é segundo Padovani; Ferraz (2011, p. 11), “[...] equivale a técnica não usual: maneira de tocar ou cantar que explora possibilidades instrumentais, gestuais e sonoras pouco utilizadas em determinado contexto histórico, estético e cultural”.

Considerando a flauta doce, as técnicas estendidas e seu ensino, encontram-se pesquisas como de Ilma Lira (1984), Daniele Cruz Barros (2010), Claudia Freixedas, (2015), Luciane Cuervo (2009), David Castelo (2012), Janaina Nóbrega (2012) e Claudio Benassi (2019), que subsidiaram as reflexões.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa em andamento (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC), que visa responder alguns questionamentos: O ensino de técnicas estendidas para crianças, com um aspecto lúdico, pode gerar o gosto pelo instrumento? O uso das técnicas estendidas pode ser um incentivo, um quesito motivador para que o aluno estude mais o seu instrumento? O objetivo geral do TCC é investigar as contribuições que o uso das técnicas estendidas pode trazer para o ensino e aprendizagem da flauta doce pelas crianças. Neste sentido é importante conhecer como professores experientes utilizam as técnicas estendidas no ensino da flauta doce e de que maneira as incorporam na performance em grupo. Para tanto definiu-se enviar um questionário a alguns professores de flauta doce.

A pesquisa é de caráter qualitativo, do tipo pesquisa-ação, e utiliza a seguinte metodologia: revisão de literatura, questionários com questões abertas e fechadas. Com o questionário pretende-se aprofundar o conhecimento sobre o ensino de técnicas estendidas e conseguir informações que não estão previstas, mas que poderão ter ênfase no trabalho. (Freire, 2010, p. 36,37). A consulta de forma autoaplicável abrange questões sobre a utilização das técnicas estendidas nas aulas de flauta doce, passando por metodologia de ensino, produções musicais didáticas, e sobre os fatores que diferenciam e ressaltam a importância da inserção dessas técnicas no repertório didático dos alunos.

O ensino das técnicas estendidas para crianças

As técnicas estendidas estão presentes no repertório antigo e contemporâneo da flauta doce, porém, é na música de vanguarda que se destacam. Em muitos casos, apresentam grandes desafios para sua realização. Mas algumas podem ser ensinadas desde o início da aprendizagem do instrumento.

Para Ilma Lira, as crianças deveriam experimentar várias técnicas de vanguarda, como cantar e tocar simultaneamente, realizar *frullatos*, tocar com apenas a cabeça da flauta de diferentes tamanhos, soprando no tubo, percutindo o tubo, fazendo glissandos de dedos, vibratos de língua e de dedo, movimentos aleatórios, e variações da pressão de sopro

combinados com dedilhados especiais para produzir multifônicos. Ela sustentava que “é importante e urgente explorar técnicas de vanguarda com a flauta doce e prover oportunidades às crianças de tomarem conhecimento da música do século XX” (LIRA, 1984, p.78).

No mesmo sentido Cuervo defende que “o repertório de Música Contemporânea inicie ainda na educação musical infantil” (2008, p.71). A autora salienta que este tipo de repertório pode contribuir para despertar o interesse na execução e estudo da flauta doce:

O repertório que inclui a técnica expandida do instrumento é uma alternativa para a aula de música, podendo torná-la mais prazerosa ao ampliar possibilidades experimentais de construção da linguagem musical de forma interativa com os alunos, como um laboratório de sons no qual poderão ser desenvolvidas atividades diversificadas (CUERVO, 2008, p.73).

Concordando com o pensamento dessas autoras, sobre o ensino das técnicas estendidas para crianças no início da aprendizagem da flauta doce, Nóbrega (2012) conclui que:

[...] é possível introduzir a vivência de técnicas mais simples no nível inicial de estudo da flauta doce, como por exemplo, técnicas relacionadas às modificações no instrumento utilizando só a cabeça, só o corpo ou só o pé da flauta; execução de *glissandos* com a cabeça da flauta; sons com a boca; uso da voz (de forma livre sem se preocupar com afinação); e vibrato de lábio (2012, p.101).

Considerando a importância da inclusão das técnicas estendidas no ensino do instrumento para crianças, verificou-se através de questionário, a experiência de alguns professores da área. Suas respostas serão analisadas a seguir.

Análise dos questionários dos professores de flauta doce

O questionário foi enviado por e-mail para 16 profissionais da área de flauta doce, dos quais dez enviaram as respostas das perguntas, dois disseram que não utilizam e quatro não deram retorno. Os sujeitos da pesquisa são, em sua maioria, professores universitários, ou que já tiveram experiência com esse contexto. Dos dez, três são mestres em música, cinco são doutores, um é doutorando e outro possui pós-doutorado.

A primeira etapa consistiu na preparação das perguntas. São sete perguntas abertas. Na primeira pretende-se confirmar se utilizam as técnicas estendidas no ensino da flauta doce. A segunda busca conhecer as técnicas mais utilizadas por estes profissionais. Na terceira questão, investiga-se a metodologia de ensino de cada profissional, se utiliza uma sequência das técnicas.

A quarta pergunta gira em torno das diferenças entre os alunos que já utilizam as técnicas estendidas desde os primeiros estudos com o instrumento. Na quinta, buscam-se informações sobre composições para fins didáticos utilizando as técnicas. Com a sexta pergunta pretende-se descobrir relações entre a idade e a facilidade para aprendizagem das técnicas. E por fim, na sétima questão, indaga-se sobre a importância das técnicas no estudo do instrumento.

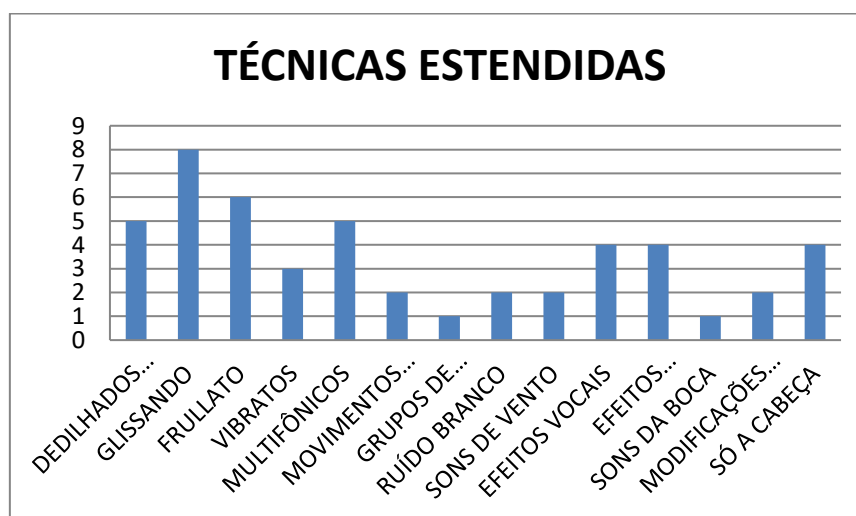
A organização dos dados obtidos iniciou-se a partir da coleta dos questionários recebidos dos profissionais pela internet. Para cada profissional foi destinada uma pasta contendo as respostas e o termo de consentimento assinado. Após a coleta de todos os questionários, iniciou-se a análise do conteúdo a qual foi realizada em três fases principais: a pré-análise, com o objetivo de sistematizar as ideias iniciais que foram surgindo. Depois deu-se a exploração do material, e por fim ao tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Para fins de análise das respostas, a cada um foi estipulado uma letra do alfabeto. Portanto, são denominados: professor A, B, e assim sucessivamente. De dez que responderam, nove utilizam as técnicas estendidas no ensino do instrumento e apenas um respondeu que usa às vezes, de acordo com sua intuição ou com a execução musical de determinada peça.

Das principais técnicas estendidas utilizadas pelos professores pesquisados, destacam-se diferentes tipos de glissandos, dedilhados alternativos, multifônicos, flauta e voz, ruído branco, sons de vento, *frullatos*, uso de partes separadas, efeitos percussivos, dedos e língua aleatórios, vibrato de janela e de dedo e flauta preparada.

No gráfico a seguir, podemos notar que as técnicas estendidas mais utilizadas no ensino da flauta doce são: o glissando, o *frullato*, dedilhados alternativos e multifônicos, seguidos por efeitos vocais e percussivos e a utilização somente da cabeça da flauta.

Figura 1 – Técnicas estendidas mais citadas.



Fonte: A autora.

Na questão se utilizam uma sequência das técnicas, dos dez professores, apenas dois disseram que sim. Os outros deram respostas diversas como: usam na medida em que vão surgindo no repertório ou que utilizam nas atividades de improvisações e na exploração livre, e alguns incluíram que depende do nível do aluno.

Sobre o ensino das técnicas estendidas para crianças, algumas respostas revelaram aspectos pedagógicos importantes. O professor B faz seus planejamentos de acordo com três perfis de estudantes no processo pedagógico, que para ele são:

Para iniciantes, as técnicas estendidas podem ser utilizadas em jogos de criatividade, bem como para sensibilização de aspectos como altura e intensidade do som; para estudantes já iniciados, utilizo técnicas estendidas para refinamento do controle de sustentação do som, afinação e dinâmica; e para estudantes que estão se dedicando ao repertório contemporâneo, o ensino é centrado no aspecto expressivo das técnicas estendidas (professor B).

Ele esclarece quais as técnicas utiliza em cada etapa:

[...] no primeiro, utilizo variadas possibilidades de glissando (principalmente os que fazem uso da cabeça do instrumento) e padrões de pressão de ar. No segundo perfil, utilizo técnicas de dedilhados alternativos e glissando de dedo (para fins de dinâmica), bem como multifônicos para auxílio no controle da pressão de ar. No terceiro, o aluno é instruído à respeito das técnicas estendidas requeridas no repertório a ser trabalhado, caso não esteja familiarizado com alguma delas. Após vencida essa etapa, dedico especial atenção ao encadeamento das técnicas solicitadas na peça de maneira a abordá-las de maneira expressiva (professor B)

O professor C demonstra que também planeja uma sequência de conteúdos com as técnicas estendidas,

[...] geralmente começo por sons não convencionais do frulato, glissandos da afinação, percussão digital, canto simultâneo a pedais/bordões primeiramente em contextos tonais e modais, sopro com os lábios abertos (som de vento). Gosto de explorar músicas que trazem ludicidade como temática com batidas de pé e gritos ao longo da música instrumental. Depois parto para um repertório que pode explorar sons multifônicos entre outros recursos, duas flautas para um flautista,

recursos eletroacústicos, estes últimos dependendo de dispositivos móveis que tivermos acesso (como smartphones) (professor C).

O professor C explica como realizar a proposta utilizando as técnicas estendidas e acredita que essas explorações com o instrumento devem ser incentivadas durante todo o processo de ensino e não somente na fase inicial...

Estimular as crianças em explorações sonoras como tocar somente a cabeça da flauta, fazer percussão dos orifícios, soprar de formas diferentes, é encarado como uma brincadeira divertida, e não deve ser abandonado na medida em que o repertório avança em termos técnicos (C).

Quando questionados se percebem alguma diferença no aprendizado do aluno que já começa desde o início do estudo do instrumento utilizando as técnicas estendidas, nove responderam que sim, e pontuaram diferenças como a aproximação com o repertório contemporâneo e a diminuição de preconceitos com o mesmo. Outras diferenças também foram citadas como: os alunos são mais curiosos e dispostos a experimentar e aprender em todas as áreas do ensino musical, o desenvolvimento da percepção, desenvolvimento da técnica instrumental e da sonoridade, a ampliação da capacidade expressiva e da musicalidade. Destaca-se que o professor (F) acredita no ensino das técnicas estendidas com um aspecto lúdico, o qual estimula os alunos e facilita o engajamento deles. Já professor (J) acredita que a diferença se deve ao estudo do repertório contemporâneo e não necessariamente ao ensino das técnicas estendidas.

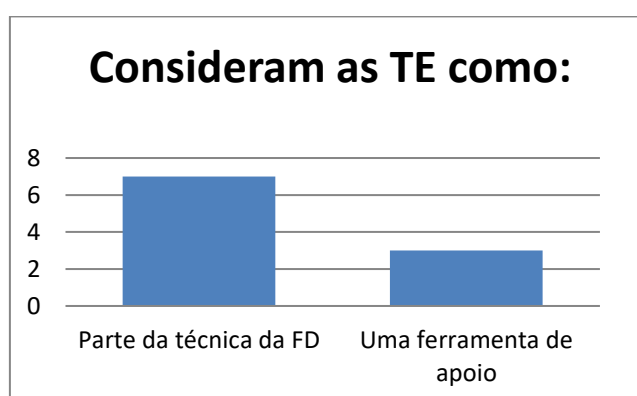
Quanto à idade como fator determinante para o aprendizado das técnicas estendidas, quatro professores defendem que quanto mais cedo o aluno for introduzido a este universo, maior será sua desenvoltura (B, C, D e H), entretanto, apenas dois deles, disseram que a idade é sim, um fator determinante. (B e H). Cinco professores entendem a idade não é determinante, para eles, é possível aprender as técnicas estendidas em qualquer idade (E, F, G, I, J), no entanto, o professor I destaca que as crianças são mais curiosas. O professor A, acha que independente da idade, o ensino das técnicas estendidas deve acontecer desde o início do aprendizado da flauta doce. Conclui-se que a maioria dos professores não condiciona a idade ao aprendizado das técnicas estendidas.

O professor B salienta que o ensino das técnicas estendidas para crianças é uma ótima ferramenta que deve ser estimulada desde os primeiros momentos com a flauta, pois para a criança não há distinção entre as técnicas:

Frequentemente, se deixarmos a criança brincar com o instrumento, ouviremos imitação de apitos de trem ou glissandos, algumas até fazem sons utilizando apenas o corpo da flauta. Vários dessas "brincadeiras" são descritas em tratados importantes, à exemplo do terceiro volume da obra de Walter van Hauwe (B).

Sobre a importância das técnicas estendidas para o estudo do instrumento, sete professores acreditam que elas já fazem parte do repertório da flauta doce e, portanto, da técnica básica do instrumento. Tendo a mesma importância que a técnica dita “tradicional”. Dois deles acrescentam que o aluno deve ser exposto à completude da técnica. O professor C esclarece que faz sua inserção até em contextos não pensados originalmente para elas, buscando ludicidade e a exploração de sonoridades, conseguindo interpretações que transcendem à partitura. Observe-se que para três professores, as técnicas estendidas são apenas uma ferramenta de apoio. O professor E considera que as técnicas estendidas são fundamentais, pois apoiam a técnica tradicional e deveriam ser usadas em paralelo. O professor F, diz que é importante para tornar o aprendizado mais lúdico e participativo, melhorando a técnica e a performance. Para o professor I, as técnicas estendidas são uma ferramenta interessante para exploração sonora.

Figura 2 – Como as técnicas estendidas são consideradas.



Fonte: A autora.

As repostas também revelaram a preocupação em como são introduzidas e quais os objetivos que se quer alcançar com o ensino dessas técnicas, como é demonstrado nas falas dos professores C e G:

[...] talvez eu queira ressaltar que não é o ano do repertório musical, não é o estilo do compositor, nem mesmo o repertório confortável do intérprete ou a quantidade de técnicas estendidas numa obra o que mais importe. Talvez seja o conjunto dessas manifestações e intenções. Também não deve ser uma meta única a aplicação de técnicas estendidas e a busca por sonoridades não convencionais, que de outra forma seria uma limitação do repertório a somente efeitos artificialmente criados, como se o som do instrumento e uma obra musical que não explorasse esses recursos não bastassem por si próprios. Creio que fazer diferentes repertórios com uma concepção aberta ao novo, criativa, viva, independentemente do ano em que foi criada, é expandir também a concepção de musicalidade (C).

Para o professor G as técnicas estendidas devem ser introduzidas com naturalidade e expõem sua preocupação com um ensino que seja realmente relevante quando as técnicas estendidas são:

[...] introduzidas com um propósito claro, para que de fato façam sentido ao estudante. Da mesma forma penso para a introdução da técnica tradicional: não acho interessante ensinar a um aluno a articulação dupla apenas como uma curiosidade, acho que será muito mais efetivo abordá-la quando ele estiver em condições de empregá-la no repertório. O que de fato seria necessário, na minha opinião, é ampliar o repertório que faz uso de técnicas estendidas para estudantes de nível iniciante e intermediário. Daí sim creio que teríamos mais oportunidades de abordar tais recursos precocemente na prática instrumental dos alunos (G).

O ensino das técnicas e do repertório contemporâneo pode contribuir para a valorização do instrumento, como verifica-se na fala do professor D:

Se essas técnicas fossem trabalhadas desde sempre, esse repertório (que algumas vezes é mais fácil do que as obras do cânone do ensinado no instrumento) poderia ser muito mais difundido, mais tocado, mais apreciado e o instrumento teria maiores possibilidades de chamar a atenção dos novos compositores e provavelmente seria mais bem visto dentro do contexto musical (D).

Dos questionários coletados pode-se inferir que existem técnicas estendidas de fácil execução que podem ser realizadas com crianças e podem ser trabalhadas desde os primeiros contatos com o instrumento. Esse contato deve se estender a todo o processo de ensino do instrumento paralelamente ao ensino da técnica tradicional. Aponta-se que o ensino dessas técnicas não depende de uma sequência de conteúdos, mas deve ser realizado naturalmente,

com objetivos claros para ampliar a musicalidade do aluno e tornar o aprendizado mais dinâmico e prazeroso. Dados mais aprofundados serão apresentados em publicações futuras.

Considerações finais

O presente artigo teve o propósito de ampliar as investigações sobre a utilização de técnicas estendidas no ensino de flauta doce para crianças. Ainda que seja uma pesquisa em andamento verifica-se que as técnicas estendidas podem ser abordadas em todo o processo de ensino do instrumento. O uso de questionários contribuiu para um maior aprofundamento do tema, para o entendimento de como aplicar as técnicas com as crianças, e quais as principais técnicas que professores com experiência na área utilizam. Acredita-se que a pesquisa alcançou um dos objetivos ao trazer uma amostra significativa, com as opiniões de dez professores de flauta doce, defendendo um ensino relevante que resulte em uma ampliação dos conceitos sonoros e musicais dos alunos.

Referências bibliográficas

BARROS, Daniele Cruz. *A flauta doce no século XX: o exemplo do Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

BENASSI, Claudio. *A flauta doce hoje: o instrumento e suas técnicas expandidas no repertório de música contemporânea* [recurso eletrônico] 2. Ed. – Cuiabá, MT: Edição do autor, 2019. Disponível em: <<http://falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/234/368>>. Acesso em: 14 ago. 2019.

CASTELO, David de Figueiredo Correia. *A técnica estendida como Elemento veiculador da expressão musical na performance contemporânea da flauta doce*. 134f. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes. São Paulo, 2018.

CUERVO, L. da C. *Musicalidade na performance com a flauta doce*. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação)– Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/15663/000687332.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 14 abril 2019.

FREIRE, Vanda Bellard. (org.). *Horizontes da pesquisa em música*. 172f. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

FREIXEDAS, Claudia Maradei. *Caminhos criativos no ensino da flauta doce*. 153f. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música. Escola de comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: 10.11606/D.27.2015.tde-17112015-095226. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27158/tde-17112015-095226/pt-br.php>>. Acesso em: 22 março 2019.

LIRA, Ilma, *Rumo a um novo papel da flauta doce na Educação Musical Brasileira*. 106f. Dissertação (Mestrado em Música). Departamento de Música da Universidade de York, Inglaterra, 1984.

NÓBREGA, Janaina Lima. *Música Contemporânea: aprendizagem das técnicas estendidas da flauta doce*. 134f. 2012. Monografia (Graduação em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

PADOVANI, José Henrique; FERRAZ, Silvio. Proto-história, Evolução e Situação Atual das Técnicas Estendidas na Criação Musical e na Performance. *Revista Música Hodie* - v.11, n. 2, 2011. p. 11-35. DOI: <<https://doi.org/10.5216/mh.v11i2.21752>>. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/21752>>. Acesso em: 21 junho 2019.

PAOLIELLO, Noara de Oliveira. *A Flauta Doce e sua Dupla Função como Instrumento Artístico e de Iniciação Musical*. 43 f. 2007. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/noarapaoliello.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

WEICHSELBAUM, Anete Susana. *Flauta doce em um curso de licenciatura em música: entre as demandas da prática musical e das propostas pedagógicas do instrumento voltadas ao Ensino Básico*. 322f. 2013. Tese (Doutorado) – Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71789/000879780.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 junho 2019.